

O QUE VAMOS FAZER?

TEXTO: COLOSSENSES 1.24
PRELETOR: FERNANDO LEITE
DATA: 28/02/2010
MENSAGEM: 04

INTRODUÇÃO

No livro de Reis está registrada a história que conta que a cidade de Samaria estava cercada e faminta. Quatro leprosos estavam à porta e resolveram sair da cidade, já que não tinham esperança de sobreviver ali sem comida. Eles arriscaram e foram até o acampamento dos Sírios que cercavam a cidade de Samaria, e ao chegar lá, por causa de alguma ação do poderoso Deus, os sírios haviam fugido e aqueles leprosos encontraram comida em abundância. Inicialmente eles começaram a desfrutar do que podiam, e juntar o que podiam, até que um deles falou: “Espera aí! Há uma cidade esfomeada lá. Se retivermos esta informação [de que havia comida em abundância] somos passíveis de juízo”. Então voltam à cidade e comunicam a novidade para que todo o povo fosse salvo e participasse daquela mesa. Apliquei isso a nós, à nossa realidade de que já conhecemos o perdão dos pecados, a vida com Deus e a necessidade de buscarmos as pessoas para lhes contar sobre as virtudes de Deus. Alguns aspectos das virtudes de Deus são, por exemplo: identidade, posição, caráter e obras de Deus. Pensando nessas idéias que compõem as virtudes de Deus quero chamar à atenção para uma passagem de Colossenses capítulo 1. Ela apresenta do versículo 12 em diante, uma série de características de Deus. Sobre a identidade de Jesus, no versículo 15, é dito que Ele é um Deus invisível. No versículo 17 diz que Ele já existia antes de tudo. Sobre a sua posição, diz que Ele é o primogênito de toda a criação, aquele que deu origem a todas as coisas. Mas diz também que Ele é o fim de todas as coisas e é o cabeça sobre tudo. Sobre o seu caráter, diz que Ele é perdoador, no versículo 14. No versículo 16 diz que Ele é poderoso. Dos versículos 20 a 22 diz que Ele é reconciliador. Sobre as suas obras chamo à atenção com cuidado, pelo menos para: versículo 12: “...que nos tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz.” Ou seja, Deus nos concedeu a condição exigida por Ele mesmo para que pudéssemos participar da família dele. Não foi por nossa própria dignidade que fomos recebidos por Deus, foi pela dignidade Dele. Versículo 14: “em quem temos a redenção...” Portanto, foi Ele quem pagou, quem nos comprou para que fôssemos libertos. Versículo 13: “Pois ele nos resgatou do domínio das trevas, e nos transportou para o reino do seu filho amado”. Resgate, compra, libertação, introduzir-nos no reino de Deus, na família de Deus, no povo de Deus. Versículo 20: “e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas,... estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz”. Versículo 22: “Mas agora Ele os reconciliou...”. Observem a quantidade de notícias boas: perdão,

reconciliação, tornar- nos dignos para chegar perante Ele. Tudo isto! Até que finalmente o autor introduz um texto neste contexto, que é um daqueles que nos faz pensar no que ele queria dizer: “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês e completo em minha carne o que resta das aflições de Cristo em favor do seu corpo que é a Igreja” (Cl 1.24). Presumo que aconteça com todos nós o que acontece comigo de vez em quando, encontrar um texto que nos oferece alguns desafios à compreensão. O que será que significa isto? Alguns textos que inicialmente nos conduzem a uma interpretação que nos faz perguntar: “Será que é isso que ele quer dizer?” O texto de Colossenses 1.24 nos oferece de fato uma série de questionamentos, sobre o que esta mensagem quer dizer. O que ele quer dizer com: “completo em minha carne o que resta das aflições de Cristo”? Ou, como diz em outra tradução: “o que falta das aflições de Cristo”? Quero iniciar esta mensagem partindo da aparente não clareza deste texto, fazendo algumas perguntas sobre as dúvidas que ele inicialmente nos sugere.

Antes de olharmos propriamente para estas dúvidas, gostaria de fazer uma pausa e orar: “Pai celestial, dá-nos da tua graça, da tua compreensão para que, ao olharmos para este texto da tua Palavra, sejamos iluminados pelo teu Espírito para compreender não somente o significado, o sentido que ele tem, mas que acima disso, assimilamos as implicações que isso requer de nós. Vem nos abençoar com a capacidade de entender. Vem nos abençoar com a capacidade de absorver este texto. Eu oro em nome de Jesus. Amém.”

PRIMEIRA DÚVIDA

Esta foi a primeira dúvida que passou pelo meu coração quando li este texto pela primeira vez: a morte de Cristo foi suficiente para a salvação do pecador? Ou faltou algum sofrimento para completar a redenção que ele já disse que temos em Cristo Jesus? Eu pergunto isso porque ele diz objetivamente: “e completo em minha carne o que resta das aflições de Cristo”. Se Paulo não completasse na sua carne o que faltava, a obra de Cristo estaria incompleta? Então a principal dúvida que aparece para mim é: “a obra de Cristo foi absolutamente suficiente ou Paulo ou algum de nós tem alguma coisa a acrescentar a esta morte, este sofrimento, para que a salvação seja completa?” O pensamento de que precisamos fazer alguma coisa para agradar a Deus está bem presente em toda a sociedade humana que crê, ou presume que exista um Deus. Essa pessoa sabe que de alguma maneira ela precisa estar credenciada para ser aprovada por Deus.

Algumas pessoas olham para as declarações das Escrituras, para a própria Lei nas Escrituras, e procuram seguir esta Lei. Outras pessoas são ainda mais presunçosas e criam as suas próprias leis supondo que andar dentro deste padrão os habilita ou credencia a chegar diante de Deus e ser aprovado. Mas observem o que Paulo nos diz em Rm 3.20: *“Portanto, ninguém será justificado diante dele baseando-se na obediência à Lei...”*. Ninguém! Nem alguém que está seguindo a orientação específica de Deus, e nem mesmo que tenha desenvolvido algum padrão de lei dentro de si. Foi Paulo mesmo, ao escrever aos romanos, antes do capítulo 3, falando da possibilidade de alguém que não tenha a Lei, ser julgado. Será julgado através do quê? Ele diz: “pelas normas que estão no coração, acusando ou defendendo”. Pode não estar presente lá a Lei de Moisés, mas a lei moral de Deus está impressa no coração do homem e, conforme Paulo diz, o coração do homem vai acusá-lo e defendê-lo. E quando acusar, será condenado por esta culpa. Portanto ninguém será justificado diante d'Ele por obras da Lei. Assim, gostaria de focalizar três verdades no que tange essa questão da obra de Cristo, e do credenciamento de nós, seres humanos, diante de Deus. Creio que estas verdades sejam suficientes para assimilarmos a mensagem que Ele tem para nós. Para isso temos a passagem de Rm 3.22-24 que diz: *“justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.”*

Quais são essas verdades?

Primeira verdade:

Não existe lei ou critério humano que seja suficiente para credenciar qualquer pessoa. Ele diz: não há distinção, todos pecaram, e todos estão destituídos da glória de Deus. Estão separados, postos à parte da convivência, do desfrute de Deus. Não há exceção.

Segunda verdade:

Os versículos 22 e 24 mostram que a única forma de alguém ser resgatado desta condição de separação, de destituição da glória de Deus, é viabilizada pela fé. Observem o que diz o versículo 22: *“justiça de Deus mediante a fé...”*. No versículo 24 ele diz: *“sendo justificados gratuitamente pela sua graça e por meio da redenção que há em Cristo Jesus”*. A única forma de você e eu chegarmos a Deus, de termos a aprovação de Deus, é pela fé. Não é pelo que você faz, é pela fé.

Terceira verdade:

Ainda que seja pela fé que eu passo a desfrutar desta nova condição, não é a fé que me salva. Se a fé salvasse, qualquer um poderia ser salvo. De fato ele vai dizer: *“justiça de Deus mediante a fé em Cristo Jesus...”*. Eu sou justificado gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo. A única maneira de alguém ser salvo é pela graça de Deus que enviou o seu filho Jesus Cristo que morreu naquela cruz por nós, que pagou pelos nossos pecados, limpou a nossa culpa. Então eu creio neste fato. A fé sozinha não salva. Você pode ouvir alguém falar: “Ah, mas eu tenho tanta fé!” Tanta fé não faz você pegar o ônibus que vai para Paulínia e ele

tomar outro rumo e levá-lo para Jundiáí. A fé não muda. Mas quando você crê na orientação específica que é a Palavra de Deus e Ela diz: “então, se você pega o ônibus que vai para Jundiáí crendo que vai para Jundiáí, você está indo para a direção certa. Se você virar o ônibus para Paulínia e você crê nisso, você vai na direção certa. Então, não é a sua fé que leva você a Jundiáí ou a Paulínia. É o ônibus que está planejado e direcionado naquela direção. Agora, relacionado à nossa dúvida, quando Cristo morreu, a sua morte foi suficiente para nós ou faltou alguma coisa? Observe o que é dito em 1Jo 2.2: *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo”*. Quando Jesus morreu Ele resolveu a questão do pecado de todos, sem exceção. O que mais resta para ser feito?

O escritor de Hebreus nos diz: *“quando Cristo veio como sumo sacerdote, pelo seu próprio sangue entrou no santuário dos santos, uma vez por todas, e obteve eterna redenção”*. A obra de Cristo, única, uma vez só, aquela única ocasião, dois mil anos atrás, lá naquela cruz, é uma morte histórica, planejada por Deus. Tinha um propósito claro de nos conceder o perdão dos pecados. Pensando nisso, nós podemos agradecer, podemos nos alegrar, cantar, crendo nessa promessa. Por quê? Porque não há dúvida nenhuma que morte de Cristo foi absolutamente suficiente e cabal ao ponto de pagar pelos pecados não só nossos, mas pelos do mundo inteiro. Então Paulo não está se contradizendo, considerando que quando ele diz que ele completa os sofrimentos que faltam de Cristo, não é que falta pagar. O que seria então?

SEGUNDA DÚVIDA

Teria Paulo alguma espécie de masoquismo, em que se satisfazia no sofrimento? Deixe-me primeiramente definir o termo masoquismo. A palavra masoquismo foi inspirada no nome do austríaco Leopold Von Sacher-Masoch. Se fôssemos ler naturalmente o nome Masoch em português, pronunciaríamos “masoqui”. É o que dá origem ao termo masoquismo. Na sua origem, masoquismo significava uma perversão sexual em que se alcança o prazer sexual através do sofrimento do parceiro ou parceira. Posteriormente o termo ganhou o sentido mais amplo, e é neste sentido que estou questionando sobre Paulo. Não no aspecto sexual, mas no aspecto de alguém que tem prazer no próprio sofrimento. Eu levanto esta dúvida porque Paulo diz: *“agora me alegro em meus sofrimentos por vocês”*. Será que Paulo amava o autoflagelo? Tinha prazer em ver-se sofrendo? Kant influenciou tremendamente a igreja ao ensinar: “você não pode fazer o bem por um motivo que não seja o bem”. Se você fizer o bem porque tem que fazer, o bem que você fez já não tem valor. Se você fizer o bem porque está pensando em alguma retribuição, o bem que você fez não vale mais. A idéia que ele passava é que, se estou fazendo o bem por um motivo que vai além de fazer o bem, como pensar em alguma premiação ou porque Deus mandou, esse bem não vale nada. E há muitos cristãos que ensinam que não podemos pensar na retribuição, na premiação. Mas observem o que lemos nas Escrituras a esse respeito. Foi o próprio Senhor Jesus quem disse em Lucas 6.35: *“Amem, porém, os seus inimigos, façam-*

lhes o bem, e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta. Então a recompensa que terão será grande...". Observem o seguinte: eu não posso fazer o bem para alguém pensando no bem que esta pessoa irá me fazer, mas eu devo fazer o bem para uma pessoa pensando na recompensa que Deus vai me dar. Então não está errado fazer o bem pensando na recompensa que se terá, vinda de Deus. Foi Jesus quem ensinou isso. O próprio Senhor diz em Lc 12.33: "*Vendam o que têm e dêem esmolas. Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe...*". Opa! Havia orientações claras do Senhor visando o enriquecimento na esfera celestial. Então não há nada de errado em fazer alguma coisa com o dever de fazer porque Deus mandou, pensando na retribuição que Deus vai dar no futuro. Ele nos orientou a fazer isso. Ele condena, sim, fazer o bem aqui esperando que esse alguém me retribua aqui. Por que estou falando essas coisas? Por que quando Paulo diz: "*eu tenho prazer, me alegro no meu sofrimento*", é porque ele tem algo em vista. Mas o quê? Vejam em Mt 5.11 o próprio ensino do Senhor Jesus: "*Bem-aventurados serão vocês, quando por minha causa os insultarem, perseguirem e falarem falsamente todo mal contra vocês*". A seguir: "*alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês*". Essa foi uma promessa do Senhor claramente: quando por causa do meu nome, da minha palavra, da minha causa vocês sofrerem, vocês serão felizardos.

Quando leio alguma história de algum missionário que foi apedrejado, morto, como ouvimos nos dias recentes o que acontece no oriente, por um lado eu lamento pela morte daqueles servos de Deus, mas por outro lado eu não posso ignorar que Deus disse: "vocês são bem-aventurados, vocês são os felizardos". É por isso que o Senhor Jesus diz: "*alegrem-se e regozijem-se porque grande é a recompensa de vocês*". Então quando o apóstolo Paulo diz "*eu me alegro no meu sofrimento por causa de vocês*" é porque ele sabe da recompensa que ele tem por receber. Quando ele fala aos Filipenses sobre a obra de Cristo, que nos capacita a desfrutar do plano de Deus na sua plenitude: "se eu for oferecido como sacrifício para vocês eu estou feliz. Não tem problema se eu morrer agora"! Mas não foi só o apóstolo Paulo. Sobre o próprio Senhor Jesus o escritor de Hebreus diz: "*tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé, Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus*" (Hb 12.2). Ou seja, por uma alegria, por um prazer maior, Jesus se humilhou, veio até nós, se sujeitou a ir àquela cruz, passar por toda aquela vergonha, por aquela morte terrível. Mas sabe por quê? Porque Ele se sujeitou a isso olhando para a alegria que Ele teria depois. Há recompensas. Então, Paulo não é um adepto do autoflagelo, nem um masoquista. Paulo é um homem inteligente, que olha além da sua esfera imediata, além do prazer e do conforto que ele poderia ter agora. Ele está olhando lá na frente: "estou sofrendo aqui, abrindo mão de uma série de confortos, porque eu sei que este sofrimento que é multiplicado no presente

resultará numa alegria futura e eterna". Paulo não era um abnegado que fazia as coisas, como Kant sugeria, sem pensar na recompensa. Só o que ele queria era o prazer e a alegria permanente, eterna.

TERCEIRA DÚVIDA

Então que sofrimento é esse que faltava ser completado a favor dos que deveriam ser salvos? Do que Paulo está falando aqui? Houve uma orientação clara até mesmo antes de Paulo se converter sobre o que aconteceria com ele. O Senhor disse a Ananias, o homem que atenderia Paulo: "*...Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Eu lhe mostrarei o quanto deve sofrer pelo meu nome*" (At 9.15-16). Ainda não havia evidências da conversão de Paulo, mas Ananias já tinha a revelação: "este homem vai sofrer pelo meu nome! Eu vou mostrar isso a ele". E ao longo da vida de Paulo em diversas ocasiões o Espírito de Deus ou um profeta aparecia e falava para Paulo do sofrimento que ele teria pela frente. Isso é coerente com a tarefa de proclamação do Evangelho. Em João 16.33 encontramos as palavras do Senhor: "*Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo*". Observem que o Senhor acenou para os seus discípulos dizendo o seguinte: "em mim vocês terão paz, mas neste mundo, vocês terão aflições". E Ele nos encoraja: "Vocês vão passar por aflições, tenham bom ânimo!". A razão é clara, dependendo da perspectiva vamos enxergar que existem dois grupos, e pelo menos um deles está na contramão. De certa ótica, quando um indivíduo se converte e está seguindo a orientação de Deus, ele está na contramão do mundo. Mas da outra perspectiva, quando você pensa que é Deus quem dita as leis, não é você que está na contra-mão do mundo, mas o mundo é que está na contra-mão de Deus. De qualquer maneira, quando você se converte, dá de frente com o mundo que vem no sentido contrário. Eu me lembro de uma ocasião em que eu estava dirigindo com um amigo nos Estados Unidos. Naquele lugar, ao chegar no semáforo, caso estivesse fechado, era permitido entrar à direita naturalmente. Pensando neste princípio natural nós, atentos, um dirigindo e o outro prestando atenção no trânsito, ele me disse: "entra à direita aqui, aqui pode entrar à direita". E nós entramos à direita. Isto aconteceu à noite. Só que ao entrarmos à direita percebemos que estávamos na contramão de uma avenida de várias pistas. Algumas vezes no mundo é assim que a gente se sente. Você dá de cara com uma porção de gente no sentido contrário. Naquele caso nós estávamos absolutamente equivocados. Mas entendamos uma coisa: neste mundo, estar na condição de contramão nos gera aflições. O apóstolo Paulo nos diz em 1Co 1. 22-23: "*Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios*". A mensagem que pregamos não é a que eles querem ouvir! Os judeus só queriam milagres. E a nossa sociedade hoje em grande parte parece com isso, só quer milagres! Os gregos, por sua vez,

consideravam que aquilo tudo era um escândalo. Eles queriam sabedoria, acreditavam que um homem era salvo pelo seu conhecimento, pelo seu saber. Acreditavam que quanto mais eles se livrassem desta matéria e se tornassem imateriais, se tornariam mais nobres. E aí aparece alguém lá no fim do mundo, na Palestina, pregando que Deus se fez carne, habitou entre nós e morreu numa cruz! “Isto é loucura”, eles diziam. A mensagem que pregamos vai contra aquilo que o mundo considera, pensa e valoriza. De qualquer maneira, essa mensagem tem que ser pregada. Paulo diz: “...a fé vem pelo ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a Palavra de Cristo” (Rm 10.17). E para pregar esta mensagem Paulo se sujeitou a uma série de sofrimentos. Observem o que ele passa a dizer em 2Co 11. 23-28: “São eles servos de Cristo? — estou fora de mim para falar desta forma — eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez. Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas.” Sabe o que Paulo quer dizer quando diz: “estou completando os sofrimentos”? É que ainda que a morte de Jesus seja suficiente, há um trabalho pesado que gera sofrimento ao levar esta mensagem. Custou sono, custou qualidade de vida, custou a saúde, custou dores, custou conforto, custou o bem-estar. Quando Paulo diz: “eu carrego em mim os sofrimentos que faltam” significa que se quisermos pregar o Evangelho, como ele deve ser pregado, isso implica em sofrimento.

CONCLUSÃO

Pensando nisso quero concluir a mensagem perguntando o que falta da nossa parte. Nos nossos dias vivemos tão intensamente a perspectiva de que se nos convertermos e estivermos dentro do plano de Deus vamos poder desfrutar da prosperidade, da saúde e da riqueza. De fato, há promessas claras nas Escrituras sobre aquilo que podemos desfrutar. Mas a promessa de Deus está muito além dos bens materiais que podemos desfrutar. Observem: “Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita.” (Sl 16.11) A alegria prometida por Deus aqui, não está se tratando de ter um carro um pouquinho melhor, uma casa um pouquinho melhor, uma roupa um pouquinho melhor, uma saúde um pouquinho melhor. A alegria na vida sobre a qual ele fala é o eterno prazer na presença do Senhor. Presença esta que de certa maneira podemos viver e desfrutar hoje. Não tão intensamente quanto no dia em que estivermos na glória com o Senhor, mas esta é a verdadeira prosperidade. Esta é a

alegria que podemos desfrutar. Se pensamos que tudo o que Deus tem para nos dar está restrito a esta vida, o apóstolo Paulo irá dizer em 1 Co 15.19, que somos os mais infelizes de todos os homens. O que esta vida tem a nos oferecer é muito menos do que aquilo que Deus quer nos oferecer. A vida que vivemos aqui pode ser marcada de sofrimento, de restrições, de angústias, mas com a garantia do desfrute eterno do que existe de melhor. Quando o apóstolo Paulo escreveu aos filipenses ele disse: “Quero conhecer a Cristo, ao poder de sua ressurreição e à participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte” (Fp 3.10). O que Paulo quer dizer com isso é: “Eu quero nesta vida participar dos sofrimentos inerentes à tarefa de levar esta mensagem de salvação. Eu vou provar da ressurreição, mas nesta vida eu vou participar desses sofrimentos”. Talvez alguns possam dizer: “Fernando, lembre-se bem de Atos 9. O próprio Ananias recebeu a mensagem de que isso iria acontecer com Paulo. Isso é algo para Paulo”. Mas é interessante que em Fp 3.15 diz: “Todos nós que alcançamos a maturidade devemos ver as coisas dessa forma, e se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá. No versículo 17 diz: *Irmãos, sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que lhes apresentamos*”. Paulo está dizendo aos filipenses e está dizendo a nós também; o seu exemplo é para cada um de nós - era para os missionários da igreja, era para os pastores da igreja e é para cada um hoje - o exemplo de levar esta vida com o custo de sofrimento, de dores e até de morte para levar este Evangelho. É o plano de Deus para cada um aqui. Ele diz: “Todos nós que alcançamos a maturidade...”. Se você se considera maduro na fé preste atenção, isto é para você! Talvez alguém possa dizer: “não, eu ainda não sou maduro”. Mas Paulo diz assim: “e, se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá”. Não existe possibilidade de pensar que essa é uma tarefa dos outros - eles que levem. Se você pensa assim, que Deus lhe esclareça! Assim, eu gostaria que pensássemos hoje em qual é a parcela do sofrimento de Cristo que você e eu temos para levar. Quando eu penso nisso, penso em grupos específicos entre nós. Quando eu olho para Atos 13 e vejo no contexto de uma igreja que tem uma liderança sadia e madura, é assim que vejo a IBCU. Em At 13.2 o Espírito de Deus disse: “...separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado”. Eles têm um sofrimento para carregar fora daqui. Eu tenho orado por isso. Quando é que Deus vai enviar alguns de nós para pregar fora daqui? Eu tenho algumas vezes uma expectativa da mais nobre: que o Espírito de Deus nos faça sofrer restrições por termos que enviar alguns de nós, a começar por mim. Falo isto com temor, não como opção. Dias atrás ao ler um livro, encontrei um texto em que o pregador desafiava à tarefa de pregar. A minha esposa tinha lido antes de mim, e ela anotou naquela passagem: “eis-me aqui”. E eu falei: “Deus, eis-me aqui”. É tão confortável, é tão bom, eu gosto tanto daqui, eu acho que tenho tanta coisa para fazer aqui. Não vejo uma razão para sair daqui, a não ser que tenha algum sofrimento que eu não conheça e que o Senhor queira que eu experimente em outro lugar. Quantos da IBCU lideram

alguma classe de escola bíblica ou uma koinonia? Que sofrimento falta para vocês pagarem? A morte de Cristo foi cabal. E algumas vezes podemos estar cansados, desanimados, por uma série de coisas que nos restringe o compromisso com Deus, com o seu ministério. Você pode dizer: quem dera, eu pudesse desfrutar todo final de semana uma casa na praia! O sofrimento que carregamos visa uma retribuição lá na eternidade. Há sofrimentos faltando ainda na obra de Cristo? Deus nos desafia. Muitas pessoas apreciam muitas características interessantes das igrejas. Eu me lembro de ter ido pregar recentemente em uma igreja em uma cidade quente neste país e descobrir, para a minha surpresa, que tinha ar condicionado. Há pessoas que podem gostar do tapete que a igreja tem, da música que a igreja tem. Eu gostaria que nós tivéssemos uma marca: um povo que está pagando o preço com suas vidas para que este Evangelho vá à frente. Isto envolve separar do seu tempo, do seu dinheiro, do seu entretenimento, para que esta mensagem avance. O que é que falta, o que você precisa cumprir? Esta é a minha oração: que esta seja a nossa marca: um povo que está pagando o preço para que o nome de Jesus seja pregado aos seus vizinhos, aos seus próximos, e aos distantes.

Um dos trabalhos que eu mais faço atualmente é conversar com os nossos missionários e procurar saber o sofrimento que eles têm no campo. E não é raro encontrá-los desanimados, cansados, questionando o que estão fazendo. Porque Deus não nos chamou para um passeio no parque, para uma festa com salgados e docinhos, mas a uma vida que tem a marca de se pagar o preço. Eu queria que neste momento você orasse para que Deus nos transforme em mensageiros desta cruz.